



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Imagens de Violência: A contaminação do imaginário social¹

Tânia Siqueira Montoro²

Universidade de Brasília

Resumo

Este texto analisa as estratégias de construção e representação da violência no espaço sócio mediático e comunicativo da televisão e do cinema no país, especialmente nas últimas décadas. Identifica elementos estéticos e éticos que agregados à linguagem audiovisual interpelam o receptor pela intensidade e imediatez e comungam de uma teia de significados, que longe de optar por uma descrição objetiva e fiel da dinâmica da violência, em suas manifestações na realidade social, apresentam-se como um lugar privilegiado de construção de valores, identidades, mediações e sentidos.

Palavras-chave

Mídia; violência; televisão; cinema.

1. Retratos de um Brasil.

O aumento da criminalidade no Brasil possibilitou que um leque de imagens de violência ganhasse espaços, de maneira generalizada no horário nobre na TV, em programas de televisão de gênero popularescos, orientados ao relato do mundo do crime, do cotidiano dos policiais. Estas imagens registram e dotam de visibilidade a dinâmica cruel da violência e da impunidade em muitas cidades do país. O cinema brasileiro também recorreu a imagens de violência para retratar o cotidiano de moradores das favelas, dos cortiços, e desvendar o dia a dia do comércio de armas e drogas nos bolsões de pobreza que se alastram pelo país.

De um modo geral, pode-se dizer que o aumento da violência foi acompanhado, nesta década, não somente pela ênfase na cobertura de seus episódios, mas também por um intenso debate sobre o excesso da tematização da violência que edificou um determinado imaginário sobre violência, que passou a informar e produzir atitudes sociais a ela referenciadas.

¹ Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Política e Estratégias da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Audiovisual e Publicidade pela *Universidad Autónoma de Barcelona*. Professora do mestrado e doutorado da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília - UNB. Pesquisadora do CNPq.



No centro deste debate de mobilização nacional sobre o tema, estão as cenas de uma violência real e cotidiana transmitidas nos telejornais, violência que emerge de forma difusa e desordenada, à qual estão sujeitos, especialmente, os habitantes das metrópoles.

Tomadas pelo ângulo do impacto da mobilização, as imagens de violência serviram também para inserir novos atores sociais. Da chacina do Carandiru, de Eldorado dos Carajás, à transmissão simultânea do assalto com morte de vítimas inocentes no ônibus 174 no Rio de Janeiro, passando pelo seqüestro do apresentador Silvio Santos, chegando à rebelião em presídios com uso de telefone celular, mais do que meras imagens expostas ao *voyeurismo* popular, estas narrativas de violência ganham relevo e emergem como fatos de interesse por exporem publicamente práticas de violência que de alguma forma deram visibilidade a conflitos, marcadamente sociais, até então envoltos na pretensa crença da cordialidade “pacífica” do brasileiro e no falso mito da democracia racial no país. Nestas imagens, densas e particulares, que passam a ficar cunhadas num imaginário coletivo ganham relevo atores como crianças e adolescentes, os sem terra, o sem teto, os famintos que saqueiam lojas e supermercados, os presidiários e as condições subumanas a que estão submetidos, a prepotência e abuso de poder da polícia e, em casos limites, da própria justiça.

Tais imagens apontam para a existência social de um Brasil com abismal desigualdade, fruto de uma das mais perversas concentrações de renda aliado à corrupção nas instituições policiais, ao abuso de poder de autoridades, à ineficiência da justiça e toda ordem de desmandos institucionais.

O repertório imagético lançado a consumo público radiografa a existência de uma sociedade sem consensos, cruel e autoritária.

Rondelli (2000:147)³ substantiva a questão afirmando

... Os episódios desta violência cotidiana, banal e ordinária não têm inspiração e a explicação secreta e macabra dos serial killers, nem a sagacidade, a inteligência ou o poder de convencimento dos personagens de ficção, nem mesmo os ideais, a determinação ou causas por que lutar, como os dos terroristas de qualquer nação ou projeto separatista. São atos que no modo bruto se expressam com precaríssimas mediações institucionais, revelam não só

³ RONDELLI, E. et alli. Linguagens de Violência., ed. Rocco, Rio de Janeiro, 2000.



o isolamento dos setores sociais neles envolvidos, como também a impotência da sociedade em resolver seus conflitos.

Para produzir esta espiral de violência televisual os meios de comunicação buscam a motivação marcadamente psicológica que seduz espectadores de filmes de ação, terror ou suspense. As imagens de violência, em circulação e consumo, nas telas aparecem como - ato comunicativo - de um Brasil muito distinto daquele revelado nos cartões postais ou nas publicidades milionárias da EMBRATUR. Estas imagens com sua força e imediatez produzem um outro espelho de um país que insistimos em não ver.

2. Violência e Mídia: Imagens em construção

No Brasil, o estudo da violência e sua intrincada relação com os meios de comunicação não encontra a tradição dos Estados Unidos e do Norte da Europa, preocupados em refletir sobre a influência dos programas de conteúdos violentos sobre o comportamento dos telespectadores. Poucos são os estudos que têm como objetivo desvendar a intrincada relação entre dois entes presentes na cena social e nas experiências culturais atuais: a violência e sua representação nos produtos culturais sócio midiáticos veiculados nas sociedades contemporâneas.

Gebner (1972:29)⁴, em um dos seus primeiros estudos sobre a relação violência e meios de comunicação advertia para o problema da ressonância da violência, sublinhando que quando as experiências cotidianas dos telespectadores coincidem com as coisas de que fala o cinema, a televisão e a publicidade, apresenta-se um fenômeno comunicativo chamado de ressonância. – “uma dose dupla” de vivência e representação. Em sua maioria as pesquisas apontam uma relação complexa entre violência mediática e violência real. Diversos pesquisadores apontam a dificuldade em afirmar o impacto que a violência representada nas telas da televisão ou do cinema exerce sobre o comportamento humano, uma vez que a sociedade está composta por diferentes segmentos sociais, indivíduos e grupos que habitam contextos pessoais, sócio culturais e religiosos distintos.

⁴ GERBNER, G. *Violence in television drama: Trends and symbolic functions*. In: Comstock, G. A. y RUBSTEIN, E. A. (eds). *Television and social behavior in Report in Media Content and Control*. U. S. Government Printing Office, Washington, content, Vol. 1, 1972.



Bonilla (1995:45)⁵ sublinha que boa parte das investigações desenvolvidas nas Ciências da Comunicação sobre violência e mídia, no marco das teorias dos efeitos (comportamental) ou do funcionalismo - positivista, em sua maioria, tem se esquecido de conectar a reflexão ali onde ela cobra vida, nos processos e práticas sociais através dos quais as pessoas vivem as humilhações e exclusões cotidianas - a insegurança do cidadão/consumidor, a perda do espaço público, o impactante desarraigo cultural, as aceleradas transformações na família, a urbanização da existência e o confinamento no privado.

É necessário matizar a dicotomia tradicional entre os efeitos positivos ou negativos da violência mediática. Há que enraizar os meios de comunicação no terreno das mediações e assumi-los dentro da complexidade dos processos de significação e de construção de sentidos como, por exemplo, no interior dos estudos das instituições que servem de mediação entre as experiências coletivas do cotidiano e a dinâmica social da vida contemporânea.

Faz-se necessário explorar novos terrenos não mais sobre o pantanoso alicerce de como a violência mediática impacta o comportamento e atitudes dos indivíduos e grupos, mas como uma série de fatores coligados coopera para o clima de violência instalado nas práticas culturais e no imaginário social.

Pesquisas recentes de orientação culturalista (Potter, 1999⁶; Silberman e Lira, 1999⁷; Zilmann, 1998⁸) sobre o consumo de produtos culturais sócio-mediáticos contemporâneos demonstram que:

- a) Um programa de televisão não é somente uma construção lingüística caracterizada por uma estrutura e funcionamento interno, é também um evento que se produz em um tempo e espaço determinado, que interpela o público que ativamente interacciona com este texto, dentro de um contexto comunicativo em que pertencem o texto, o público e o autor.

- b) Um produto cultural e sua exibição e transmissão não é um dispositivo que guarde em si um sentido definido e realizado. Pelo contrário, dada a particularidade do

⁵ BONILLA, J. I. *Violência, Medios y Comunicación – otras pistas en la investigación*. Ed. Trillas, México, 1995.

⁶ POTTER, J. *On Media Violence*. Sage Publications, London, 1999.

⁷ SILBERMAN, S. e Lira, L.R. *Medios de Comunicación y Violência*. Ed. EFE, México, 1999.

⁸ ZILMANN, D. *The psychology of appeal of portrayals of violence*. In: Jonh Goldstein (ed). *Why we watch: the attractiveness of violent entertainment*. Oxford University Press, 1998.



gênero ou formato - programas de televisão, documentários em películas, clipes musicais, peças publicitárias - há uma confrontação de sentidos entre diferentes aspectos do contexto de emissão e do ato de recepção da mensagem.

- c) As análises indicam e identificam os diferentes usos do produto cultural na construção de “repertórios de imagens da realidade” apontando novas formas de socialização na contemporaneidade.
- d) As imagens de violência ativam quadros comunicativos que conformam, confirmam ou rechaçam hierarquias sociais reconhecidas e sugerem modelos de ação (as possibilidades mobilizadoras das notícias).
- e) As imagens de violência conferem visibilidade a novos atores sociais, destacam e classificam lugares e grupos interagindo com a diversidade da audiência.
- f) Os meios de comunicação exercem papel crucial na construção de sentidos, na medida em que eles integram as relações sociais e as experiências culturais vivenciadas pelas sociedades contemporâneas. Na representação audiovisual a violência constitui-se em linguagem dotada de uma estética própria.
- g) As imagens de violência, por sua imediatez, intensidade e onipresença colocam em visibilidade outros eixos da divisão social, que não se esgotam em classes sociais, mas que se cruzam nos processos de exclusão das sociedades contemporâneas (etnia, gênero, raça, religião, formas de inserção na economia globalizada, modelos de comunicação entre excluídos e incluídos do consumo, faixa etária, e outros).

García e Ramos (1998: 46)⁹ sublinham a necessidade que os estudos sobre violência e meios de comunicação agreguem uma série de fatores que constituem a complexidade de sua dinâmica e comecem a pensar como a mente, o sistema de representação social, o imaginário coletivo, a memória, ordenam, codificam e (re)elaboram este conjunto discursivo de fragmentos audiovisual dotando-o de funções e sentidos.

⁹ GARCÍA, S. e RAMOS, L. *Medios de Comunicación y Violencia*. Instituto Mexicano de Psiquiatria y Fondo de Cultura Económica, México, 1998.



Para uma análise mais fecunda é fundamental compreender o contexto discursivo onde estas imagens se constroem para representar, observando como o ritmo acelerado da vida nos centros urbanos, a condenação do homem médio ao anonimato, o vazio de valores comuns que dão sentido a vida, a insegurança do cidadão comum e o problema da escassez que explica a injustiça social encontram-se embricados no processo de representação.

Imbert (1992:15)¹⁰ dialoga com a temática sublinhando que existe uma violência representada que consiste na violência tal como a representa os meios de comunicação em seus discursos tanto referenciais (a informação) como criativos (obras de ficção, publicidade, jogos eletrônicos). Conclama os pesquisadores de Comunicação a compreender essa nova estratégia da linguagem audiovisual que disponibiliza elementos técnicos, estéticos e éticos para produzir múltiplas representações nos produtos culturais audiovisuais da contemporaneidade.

3. Violência e Representação: O X da questão.

Tão presente na história da humanidade, tão cotidiana e ao mesmo tempo tão complexa e ambígua, a violência, como conceito, apresenta muitas definições teóricas nos estudos e análises do campo da comunicação. De acordo com a etimologia latina a palavra violência serve para uma primeira aproximação com o conceito. “Violência” advém do latim “vis”, que além de vigor, potência, designa também o emprego da força, o emprego das armas, enfim, a essência auto destrutiva do homem.

Dadoun (1998:10)¹¹ chama atenção para o fato de que “vis” marca também o caráter essencial de um ser – o que solidifica a associação da violência como essência do homem. Em um mergulho nas histórias da trajetória humana encontramos uma imensidade de imagens de violência, que fomentam nosso imaginário, desde os escritos bíblicos até as representações artísticas e do pensamento do homem.

Michault (1980:8)¹² já chamava a atenção para a relação entre violência e sua representação. A situação é, pois, de imediato tão clara como inexplicável: de um lado, a violência é totalmente real, de outro aparece unicamente em determinado tipo de

¹⁰ IMBERT, G. *Los escenarios de la violencia*. Ed. Icaria, Barcelona, 1992.

¹¹ DADOUN, R. *A Violência: Ensaio acerca do Homo violens*. Coleção Enfoques da Filosofia, Difel, Rio de Janeiro, 1998.

¹² MICHAULT, Y. *Violência y Política*. Ediciones Ruedo Ibérico, Barcelona, 1980.



representação do campo social. Possui uma positividade inelutável e ao mesmo tempo, flutua e se metamorfoseia conforme as convicções que a apreendem. Existe a violência e também a “violência da violência”. “É uma situação de círculo [...] a violência é a guerra, a tortura, o homicídio, o extermínio. Neste sentido, a violência existe desde o ponto de vista de cada qual, perceptível em formas próprias e suaves e portadora dos condicionamentos mais refinados”.

O autor afirma que a positividade da violência muda de aspecto segundo quem fala por ela, quem a avalia, quem a interpreta e quem a sofre. Os torturadores metamorfoseiam sua violência em “dever de Estado”; a polícia não pratica a violência, mas faz “reinar a ordem nas ruas”; os tiranos quando cometem violência dizem defender “o direito natural do seu poderio” além das violações em nome da “segurança do Estado”.

A realidade da violência flutua segundo o que se percebe, se quer perceber ou pode perceber como tal; acaba por haver tantas violências como critérios para utilizá-las. A violência se confunde com suas representações, se dissolve com os que a ocultam, adota as cores daqueles que a maquilam e recebe o nome dos que a justificam.

Os meios de comunicação atuam como construtores privilegiados de representações sociais e especificamente de representações sobre o crime, a violência e sobre aquelas pessoas envolvidas em suas práticas e coibições. Estas representações se realizam através de significados que não somente nominam a prática social, mas a partir deste nominamento, passam a organizá-la.

A interpretação dos produtos da mídia nos remete às relações de poder, uma vez que são produtos de conflitos travados não somente no campo econômico, mas também no campo simbólico. No dizer de Martin-Barbero (1997:284)¹³ “é nesse terreno que se articulam as interpelações a partir das quais os sujeitos e as identidades coletivas se constituem”.

No projeto integrado de pesquisa¹⁴ analisando reportagens jornalísticas e filmes do cinema brasileiro com temáticas de violência na última década, identificamos nas narrativas audiovisuais elementos comuns com relação à visibilidade da violência e suas formas de representação no espaço mediático.

¹³ MARTIN- BARBERO, J. Dos Meios às Mediações. Ed. UFRJ. Rio de Janeiro, 2001.

¹⁴ Coordeno o projeto integrado de Pesquisa Imagens de Violência: Construções e Representações, vinculado à pós-graduação da Faculdade de Comunicação da UNB – linha Estudos da Imagem e Som.



Estas novas construções estéticas, ancoradas na dinamicidade da linguagem audiovisual, interpelam o receptor pela intensidade e imediatez e comungam de uma estética, que longe de optar por uma descrição objetiva e fiel da dinâmica da violência em sua(s) manifestação(s) na realidade social apresenta-se como um lugar privilegiado de construção de valores, identidades, mediações e sentidos.

4. Câmera na mão – Violência no Telão

Espelho e produtora do social, a televisão tem sido atacada por diferentes segmentos da sociedade por transmitir com frequência imagens de excessiva violência, colaborando para promover a deteriorização dos valores éticos e morais do tecido social. Recentemente um movimento organizado em rede nacional, denominado “Quem financia a baixaria na TV”, vem questionando o papel da televisão na sociedade brasileira, particularmente indicando o aumento de conteúdos ligados a violência. A idéia do movimento é sensibilizar os anunciantes quanto aos impactos negativos dessa modalidade de programação em horários nobres da televisão brasileira.

Para Bentes (1994:100)¹⁵

... Se o cinema foi para os anos 60, o lugar mítico de uma modernidade revolucionária e utópica, sinônimo e possibilidade de intervenção política e de experimentação estética para toda uma geração, a televisão é hoje, essa espécie de esgoto público das imagens, onde emergem, entretanto, cenas reveladoras do cotidiano e do imaginário do brasileiro.

No plano da arquitetura audiovisual, os produtos culturais da televisão (especialmente jornalísticos e dedicados à temática) e do cinema (tomamos para análise filmes como “Cidade de Deus”¹⁶, “Madame Satã”¹⁷ e “O Invasor”¹⁸) introduzem elementos estéticos utilizados na cobertura telejornalística de violência, como reportagens mediadas por angulações originais, câmaras subjetivas e uso constante do

¹⁵BENTES, I. Revista Imagens. Editora Unicamp, n. 2,1996.

¹⁶Filme Cidade de Deus. Diretor Fernando Meirelles e Kátia Lund, 2002.

¹⁷Filme Madame Satã. Diretor Karim Ainouz, 2002.

¹⁸Filme O invasor. Diretor Beto Brant, 2001.

som ambiente, aportando forte fator de verossimilhança, elemento básico da tessitura dramática do espetáculo de imagens e metáforas que somente o fenômeno da violência é capaz de mobilizar.

Imagens bidimensionais com traços reflexos e som, sentidas pelo telespectador como equivalência da percepção do sujeito na circunstância da tomada: essa parece ser a equação através da qual se delimita o campo do visionamento. Campo que foi trabalhado pelas teorias do cinema a partir da noção de *identificação com a câmera*. Potencialidade que é exponenciada nas transmissões ao vivo e que, na disposição fílmica narrativa da imagem-câmera, irá se expressar na exclusão do olhar para câmera e no fechamento do espaço diegético, relegando o telespectador à posição de olhar no buraco da fechadura.

A particular inserção dessa imagem no transcorrer temporal, realça o fato de tratar-se não apenas de uma imagem em movimento, mas de uma imagem móvel, tencionando o desenvolvimento da narrativa a partir da mediação da câmera, singularidade que se expressa na capacidade dessa imagem de se imiscuir no universo que é sentido como exterior ao sujeito e que interage com a própria presença que funda esta dimensão.

Na determinação das possibilidades próprias à imagem da violência, deparamos com essa estrutura central que é a dimensão referencial sobrecarregada. A sedução produzida pelo espetáculo das imagens de violência, com essa intensidade referencial, aliada à informação em fluxo contínuo, anula, pelo excesso, a capacidade mobilizadora que este repertório imagético poderia exercer para alavancar a luta pela cidadania. Marcada pelo peso do tempo do fazer fabril, da imperante determinação de produzir informações, o que assistimos, na maioria das vezes, não são imagens de acontecimentos de violência, mas sua descrição em discursos imagéticos reordenados que produzem o extraordinário.

É nesta acentuação desmedida e girando em torno de si mesma, que se configura o sensacionalismo. A gravidade do extraordinário, a avidez por sua intensidade, distende o cotidiano em manchete, fazendo com que seus traços múltiplos sejam enfiados dentro da uniformidade do corte sensacionalista.

De outro lado, observa-se nesta estratégia narrativa o uso de formas de representação como motores para (reconstituir) audiovisualmente os acontecimentos de



violência tomando por empréstimo de formas da ficção, com simulação de atores, infografia fixa ou animada, o recurso à serialidade discursiva e o uso abundante de efeitos especiais. Essa serialidade é a capacidade que detém um discurso de promover repetições de um tema explorado de forma recorrente com novas variantes.

Identificamos também o uso de plano seqüência (prolongado) com a finalidade de ampliar a empatia com o telespectador, recorrendo à simultaneidade com os acontecimentos encenados, à frente da câmera produzindo efeito de verdade. Homem batendo em mulher, adolescente vítima de estupro, mulher roubada pelo filho, a polícia correndo atrás de bandido, linchamento de ladrões pela população – o telespectador se sente no meio da rua, da favela, no lugar do curioso e a narrativa encaminha-se para construção de suspense.

Segundo Bentes (1994:45)

... Nós somos enredados num duplo espetáculo da mídia e do Estado que dramatizam a criminalidade e excitam a demanda por um endurecimento penal, desviando atenção, com o espetáculo da violência, dos problemas estruturais dos quais derivam a criminalidade como a distribuição desigual da riqueza, marginalização e exclusão social, etc.

Diante de uma imagem parcial da violência e da criminalidade representada pela mídia, a sociedade constrói formas de resolução dos problemas através de paliativos que não alteram as estruturas sociais, reivindicando o aumento efetivo de policiais, de equipamentos e armas de combate ao crime. Esse espetáculo da criminalidade, e sua representação na mídia, infundem um caráter profundamente conservador e tecnocrático. A mídia, através da repetição de estereótipos sobre a criminalidade e violência, expostos numa linguagem emotiva e dramática pede somente à sociedade civil que legitime as ações da elite política.

Almeida (2000: 103)¹⁹ afirma que o medo e a ameaça permanentes – que marcam a história de vida da população que vive em áreas de risco, sendo generalizados para a sociedade – servem à criação de um clima difuso de insegurança, o que favorece

¹⁹ ALMEIDA, S. Violência urbana e constituição de sujeitos políticos. In: Hessmann, M. Messeder, L. et alli. Linguagens de Violência. Ed. Rocco, Rio de Janeiro, 2000.



a adoção de medidas repressivas e autoritárias, balizadoras do uso da força policial. Trata-se, portanto, de uma lógica circular: a sociedade termina refém das estratégias de exploração do sentimento de insegurança coletiva. A violência expressa assim, um contexto e um processo de dominação e não simplesmente ou necessariamente um conjunto de atos brutais.

5. Considerações finais:

A televisão e o cinema nos permitem confirmar que a violência, a carnificina, a crueldade estão aí se exibindo em todo seu terrível esplendor ante nossos olhos, porém ao mesmo tempo distante e alheia. A vemos, mas não a tocamos. Dessa forma toda esta problemática associada à representação mediática da violência constitui um episódio de luta de ordem política para persuadir a maioria social de algo que ela não parece estar de todo convencida.

O uso da força como apresentado nas narrativas em análise não é um recurso cultural e uma linguagem disponível para fins do que poderíamos chamar de “última instância”, cuja administração e controle depende da própria sociedade, e sim uma substância demoníaca altamente perigosa cuja manipulação deve correr sempre a cargo de especialistas treinados pelo Estado para tal fim e que recebem dele a legitimidade para entrar em contato com uma matéria daninha tanto no terreno das práticas como no das representações.

A violência mediática é assim uma relação que produz significados porque a ação violenta é um valor e o ato de agressão agrega valor, ao ser comunicado e transferido para ser objeto de circulação e intercâmbio. As imagens de violência e sua espetacularização geram ansiedade pública ao mesmo tempo em que fomentam uma demanda de mais proteção policial e jurídica. A proliferação mediática da violência garante paradoxalmente, uma distância, um estranhamento. Daí porque os processos de mobilização contra a violência são efêmeros, pontuais, fragmentados e sua permanência na cena pública e mediática esgotam-se tão logo os meios de comunicação passem a priorizar outras temáticas.

Bibliografia:



BULCÃO, A. e MONTORO, T. *Representación Social y Publicidad: La polémica como estrategia publicitaria*. In: Comunicação e Espaço Público. Revista da Pós-graduação da Faculdade de Comunicação, pp. 25 - 38, novembro, Brasília, 1999.

LIRA, M.B. *Violência y Televisión o el discurso de la conmoción social*. In: Guilherme Orozco (org.). *Miradas Latino Americanas a la televisión*. Ed. Universidad Iberoamericana, México, pp.48-67, 1996.

MARTIN – BARBERO, J. *Procesos de comunicación y matrices de cultura: Itinerario para salir de la matriz dualista*. Ed. G. Gilli, FELAFACS - México, 1987.

MONTORO, T. *Sangue na Tela: A representação da violência nos noticiários de televisão no Brasil*. In: Luiz Gonzaga Motta (org). *Imprensa e Poder*. Editora UNB, pp.301-328, 2002.

NICOLS, B. *Representing reality*. Indiana University Press, Bloomington, 1991.

PINTO, M. J. *Comunicação e Discurso*. Hacker Editores, São Paulo, 1999.

PORTO, S. D.(org.). *A Incompreensão das Diferenças: 11 de setembro em Nova York*. Edições IESB, série Comunicação, Brasília, 2002.

ZUNZUNEGUI, S. *Pensar la Imagen*. Ediciones Universidad del País Vasco, 2001.

